

# A ARTE ESTÁ SEMPRE PRESENTE

Muito aflito, o imperador da China andava em círculos pelo palácio. Peiwoh tardava a chegar. Talvez nem soubesse que era esperado com tanta ansiedade. Todos os outros músicos do reino haviam fracassado. Só conseguiram extrair da harpa de Lung notas ásperas e desafinadas. Ninguém pudera arrancar uma única melodia de suas cordas.

Essa harpa tinha sido uma esplêndida árvore. Na floresta de Lung, ela sabia levantar a cabeça para conversar com as estrelas. Suas raízes penetravam fundo na terra, misturando-se com o dragão prateado que ali dormia. E aconteceu, certa noite, que um feiticeiro transformou a árvore numa harpa teimosa.

Finalmente veio Peiwoh, apresentou-se ao soberano e logo acariciou a harpa, como se procurasse domar um coração selvagem. Tangeu com doçura suas cordas. Cantou a natureza, as estações, as montanhas, os rios. Então, uma a uma, tôdas as lembranças da árvore-harpa acordaram. A primavera de nôvo brincou entre seus ramos. Outra vez se ouviram as vozes sonhadoras do verão. Depois, a Lua voltou a brilhar no céu de outono. Agora, é inverno e a neve bate com gosto nas fôlhas das árvores. Quando Peiwoh falou do amor, a floresta inteira inclinou-se como um ardente namorado. Mas Peiwoh também cantou a guerra, com suas espadas reluzentes e cavalos barulhentos. Na harpa ergueu-se a tempestade, o dragão montou o relâmpago e o trovão ressoou pelas colinas.

Extasiado, o imperador chinês

